

IMOBILIDADE, MOVIMENTO E CAUSALIDADE EM ARISTÓTELES

Pedro Vítor Fernandes Damião¹
Maria Vera Lúcia Pessoa Porto²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a concepção de Deus como primeiro movente na resolução do problema acerca da origem do movimento e, por conseguinte, de toda a realidade que decorre das transformações. Desse modo, busca-se inicialmente apresentar e contextualizar o problema da constituição do real a partir das transformações na filosofia pré-socrática através da análise que Aristóteles faz de seus predecessores. Em seguida, faz-se necessário, identificar quais as noções de movimento e de causa há na metafísica de Aristóteles. É nesse momento que se destaca a questão sobre o movimento; outro aspecto importante, é como o estagirita chega a ideia de primeiro movimento e reconhecendo a imobilidade necessária no ponto de origem da realidade. Aqui, Aristóteles argumenta sobre o primeiro motor a partir do conceito de substância, na busca de explicar como é constituído o real a partir dele. Ainda hoje a ciência não esgotou todas as possibilidades de explicação da realidade, pode-se dizer que está longe dessa ideal, e insistir na pesquisa sobre o que está para além da física, mesmo na atualidade, é reconhecer o valor da busca iniciada pelos antigos pensadores, valorizando o seu contributo para a ampliação da compreensão de mundo e de humano que perduram até estes dias, direta ou indiretamente, na mente das pessoas e nas pesquisas acadêmicas. Este trabalho se desenvolve através de análise da *Metafísica*, com outras leituras complementares de pesquisas e trabalhos acadêmicos que versam sobre este tema.

PALAVRAS-CHAVES: Deus. Causa. Aristóteles.

1 INTRODUÇÃO

Compreender o argumento metafísico acerca da existência de um ser que não possui matéria, mas que compõe a realidade presente é imprescindível para conceber a resolução de um problema que Aristóteles se propôs a responder. Não encontrando entre os antigos, e entre aqueles que lhe precederam resposta segura, buscou por meio do estudo sapiencial uma possível resposta ao que se pode chamar de problema do movimento ou transformação e as

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Email: pedro-10-19@hotmail.com

² Doutorado em Filosofia Prática do Programa Interinstitucional da UFPB - UFRN - UFPE, com Estágio Doutoral na Université Catholique de Louvain (UCL - LLN), Mestrado Acadêmico em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2000), Licenciada e Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: veraluciaporto@uern.br

implicações que se desdobram a partir dos mais diferentes conceitos ligados a isso dentro do seu sistema metafísico.

Esta investigação sobre o mundo, que motivou a produção filosófica de muitos dos primeiros mestres da filosofia, está presente também no pensamento clássico de Platão e Aristóteles. Verificando nas doutrinas de seu mestre, como bom discípulo, Aristóteles pretende superar as dificuldades que Platão deixou sem resposta. Percebe também dentre os que antes se proporam a enfrentar tal desafio de encontrar a gênese do cosmo que as respostas não eram resolutivas. Para tanto, era preciso esclarecer algo sem o qual não há como justificar ideias e formas, e isso, o estagirita o fez não se limitando a imitar ou perpetuar as mesmas doutrinas, mas indo além ao modo de seu mestre.

O Motor Imóvel proposto por Aristóteles, considerado como Deus - não um Ser sobrenatural ou religioso -, mas origem da mudança que acontece e constitui o real, é fundamental para enriquecer a reflexão sobre o mundo e sobre o homem que tenta encontrar respostas as questões “sem solução”.

Fazendo uso da análise de textos e comentários da metafísica aristotélica para favorecer a reflexão, considerando o contexto em que é produzido o pensamento de Aristóteles, é que a presente pesquisa se presta a discorrer sobre este tema clássico, para facilitar, na medida do possível, a visão dele e, a partir disso, chegar a reconhecer como pode-se interpretar o mundo na ótica metafísica.

2 IMOBILIDADE E MOVIMENTO

Para entender o pensamento metafísico de Aristóteles, deve-se levar em consideração sua posição em relação a produção de mesma natureza de seu mestre Platão, pois para muitos, a produção do estagirita é colocada em confronto a toda a teoria platônica das Ideias (REALE, 1994, p. 323). Essa posição em que comumente é colocado Aristóteles em relação a Platão, implica na não assimilação adequada de sua teoria metafísica.

Os pensamentos de Aristóteles à Platão não se referem somente a teoria das Ideias ou a doutrina dos princípios, mas sim às lições da Academia, pois segundo Werner Jaeger, as críticas são feitas a elas (JEAGER, Werner apud REALE, 1994, p. 323). Essa tese, defendida por Jaeger, estudioso da obra aristotélica, é reforçada pelo fato que se as críticas de Aristóteles

à Platão forem levadas em consideração fora do seu devido contexto na metafísica, incorrer-se-á no erro de afirmar que Aristóteles “rejeitou a doutrina dos Princípios e a teoria das Ideias, e, por conseguinte, rejeitou, totalmente, a ‘segunda navegação’ platônica” (REALE, 1994, p. 324). Assim, deve-se considerar o fato de o peripatético ter realizado críticas a doutrinas dos princípios e a teoria das ideias, e negou a existência de um “Uno-Bem” como princípio das ideias e das formas. No entanto, ele, ao fazer isso, não nega a existência de uma realidade *supra-sensível* ou de algumas realidades dessa natureza. Isso para demonstrar que a “*realidade supra-sensível não é como Platão pensava que fosse*” (REALE, 1994, p. 324).

O princípio motor para Aristóteles é gerador de toda a realidade, ou seja, dele “dependem o céu e a natureza” (ARISTÓTELES, 2002, p. 565)³. Então, apresentada a dificuldade de conceituar esse princípio causador do mundo, para justificar a necessidade dele, Aristóteles revisa a produção dos físicos, os quais se propõem a buscar a causa do mundo, ou sua gênese, em princípios primeiros ou uma causa primeira.

Dentre os primeiros filósofos, cujos fragmentos chegaram a atualidade, destacam-se, por sua relevância a filosofia e a epistemologia, Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso, Anaxágoras de Clazômenas e outros. Todavia, não conseguiram, os primeiros filósofos, segundo Aristóteles, descobrir uma causa semelhante a que ele propõe, uma causa e um princípio numa realidade supra-sensível; exceto Parmênides que amplia o conjunto das causas, propondo que o Ser é o que é, o princípio. (ARISTÓTELES, 2002, p. 21)⁴. A questão posta por Aristóteles é, como esses Princípios e causas constituem a realidade? Ele percebe que a realidade é um constante movimento e ao verificar a doutrina dos seus antecessores não encontra resposta para esse problema, inclusive apontando onde eles, os antigos, erraram. Eduardo Bittar (2003), sobre o movimento e o primeiro motor em Aristóteles, afirma que a análise desse problema sobre o movimento, ou da transformação, desencadeia uma série de outras questões, todavia, a mais importante é aquela relativa ao surgimento e à origem do primeiro movimento.

Aristóteles elege na metafísica Deus como uma Causa-Princípio, pois trata-se de um “ser elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo”

³ Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1072 b 13.

⁴ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 b 5.

(ABBAGNANO, 2012, p. 767). Mas, como isso justifica a constituição da realidade? O estudo das causas e dos princípios, designado como ciência sapiencial, é, entre todas as ciências, a mais digna de honra por se propor a ser a ciência que Deus possui em maior grau, ou por ela, a ciência, que tem por objetivo as coisas divinas – Deus – (ARISTÓTELES, 2002, p. 13)⁵: “Ora, só a sapiência possui essas duas características. De fato, é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio, e, também, que Deus, exclusivamente, possui em sumo grau, esse tipo de ciência”⁶ (ARISTÓTELES, 2002, p. 13).

Na constituição da realidade dentro do sistema metafísico aristotélico, surge a questão da *Kinesis* e *Metábole*, isto é, do movimento e da mudança como um aspecto primordial para compreender toda a estrutura teórica desenvolvida pelo estagirita; até a sua contribuição, o movimento havia sido, de certo modo, desconsiderado, chegando a ser negado. Os pluralistas, Anaxágoras, Empédocles e os atomistas, Leucipo e Demócrito recuperaram a noção de movimento, eles até justificaram o movimento; mas ninguém, nem mesmo Platão, até então, soube estabelecer qual era a sua essência e o seu estatuto ontológico (REALE, 1994, p. 375).

Reale acena para os conceitos de ato e potência associados as noções de movimentos para compreender a realidade dentro desse sistema metafísico. Será através desses conceitos, que o leitor poderá perceber o caminho de resposta encontrado por Aristóteles para as questões de seu tempo. A explicação que Aristóteles propõe, resolve o problema em certa medida, mas assim como é possível deduzir, dentro das várias categorias significados diferentes, por exemplo para o ser, também é desse modo com a mudança. Todavia, ressaltam-se quatro categorias principais de movimento e mudança/transformação, que se referem a substância, a qualidade, a quantidade e a lugar, pois é segundo essas categorias que ocorre a mudança (REALE, 1994, p 377):

A mudança segundo a substância é a geração e a corrupção, segundo a qualidade é a alteração; segundo a quantidade é o aumento e a diminuição, e, segundo o lugar é a translação. Mudança é termo genérico que corresponde a essas quatro formas, movimento, ao invés, é termo que designa as últimas três, particularmente, a última. [...] (REALE, 1994, p 377).

⁵ Aristóteles em Metafísica, I, 983 a 5.

⁶ Aristóteles em Metafísica, I, 983 a 7 – 9.

Reale ressalta que a geração e a corrupção estão ligadas a substância, a essência das coisas em si. Já a alteração está ligada a um aspecto qualitativo das coisas, diferente da quantidade, que se refere a “muito” ou “pouco”, a um aumento ou diminuição de alguma coisa. Por último, a mais perceptível categoria de movimento, aquela que se refere ao lugar, o chamado movimento de translação, a saber: aquilo que dá nome a evento que acontece quando algo que, saindo de um ponto *A* vai para um ponto *B*, muda de posição realiza uma translação.

3 A CONSTITUIÇÃO DO REAL A PARTIR DE CAUSAS E PRINCÍPIOS

A *Metafísica*, no Livro I trata sobre as causas primeiras, que são quatro (material, formal, eficiente e final), e analisa as doutrinas dos predecessores, os quais, de certo modo, influenciaram o pensamento de Aristóteles. Ainda na *Metafísica*, no Livro XII, Aristóteles discorre sobre os princípios e as causas. O pensador admite três substâncias; a substância sensível, seria dividida em duas: a eterna e a corruptível e a terceira que seria imóvel: “As duas primeiras espécies de substâncias constituem o objeto da física, porque são sujeitas ao movimento; a terceira, ao invés, é objeto de outra ciência, dado que não existe nenhum princípio comum a ela e às outras duas” (ARISTÓTELES, 2002, p. 545)⁷.

Aristóteles começa a desenvolver a definição de causas primeiras ou ainda o que vai ser denominado de sapiência, pois para o estagirita a “[...] sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e certas causas [...]” (ARISTÓTELES, 2002, p. 7)⁸ e Reale (2002, p. 11-12) ao comentar sobre essa passagem evidencia que esses certos princípios e essas certas causas são, como permanece nas últimas linhas do primeiro capítulo do livro *alfa* de *Metafísica*⁹, os - princípios e causas – considerados como primeiros e supremos além de determinar as famosas quatro causas (material, formal, eficiente e final).¹⁰

⁷ Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1069 b 36 - 37

⁸ Aristóteles, *Metafísica*, I, 982 a 2.

⁹ Conforme propõe tradução Giovanni Reale.

¹⁰ Isso acontece no início do livro *alfa* da *Metafísica* para introduzir a questão fundamental da investigação sobre essas causas e princípios que constituem a realidade que está fundamentada na observação e análise daquilo que já havia sido feito. O livro *alfa* segue ainda no capítulo 2 a explicar a busca das causas e as características, no capítulo 3 já começa a desenvolver sua análise quanto a doutrina dos predecessores que segue até o capítulo 7, segue depois, nos capítulos 8 e 9, respectivamente, a falar sobre os filósofos naturalistas, pluralistas; e fará uma

As *causas* são elemento fundamental para compreender o pensamento aristotélico. Na *Metafísica*, é atribuída a elas as bases da existência, por que não dizer as condições, pois também imbricam princípios associados a si, “‘causa’ e ‘princípio’, para Aristóteles, significam o que funda, o que condiciona, o que estrutura” (REALE, 1994, p. 340), o que permitem, metafisicamente, falar de uma realidade explicável e passível de ser compreendida pelos homens, para tanto, “é preciso adquirir a ciência das causas primeiras” (ARISTÓTELES, 2002, p. 15)¹¹.

Segundo Giovanni Reale, as causas devem ser, para Aristóteles, “necessariamente finitas quanto ao número, o estagirita estabeleceu que, relativamente ao mundo do devir, reduzem-se à quatro causas: formal, material, eficiente e final” (1994, p. 340). A causa formal e material se referem “a forma ou essência e a matéria, que constituem todas as coisas”, elas podem sintetizar o “ser” das coisas, porém, estão sujeitas às outras duas causas, por isso não bastam a si mesmas para explicar, na totalidade, a realidade.

Reale fundamenta que as causas encontradas por Aristóteles na análise da doutrina dos predecessores, não elegem unicamente este ou aquele fator, mas um conjunto de fatores que possibilitam a existência das coisas e dos seres (1994, p. 340). É por isso que na pesquisa sobre a constituição da realidade a partir do Motor Imóvel, é preciso examinar cada uma das causas, e perceber os desdobramentos dessa compreensão da existência desenvolvida pelo estagirita para chegar a dedução de uma realidade além da matéria sensível, sendo, esta realidade, a origem do movimento e das transformações.

A causa formal, como já dito a cima, associada a causa material, constituem parte fundamental da essência das coisas e dos seres. Ela é a forma ou aquilo que permite a identidade a matéria, em uma linguagem mais geral, como a silhueta, circunferência, ou aquilo que delimita, ou seja, que distingue uma coisa da outra pela sua estrutura. Por exemplo, se imaginar uma estátua de determinada personalidade, a forma que ela possui é sua causa formal, é aquilo que permite identidade ao ser, e que, associada a causa material constitui-se como tal. Já a causa eficiente é a causa transformadora das coisas, pois é ela a responsável por

crítica a Platão e aos platônicos. O presente estudo visa apresentar os contributos que Aristóteles evidencia nos capítulos 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.

¹¹ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 a 24

dar forma a matéria, e também, em certa medida, é responsável pela finalidade das coisas, “aquilo de que provêm a mudança e o movimento das coisas” (REALE, 1994, p. 341).

Usando a ideia de uma estátua, que, podendo ser esculpida de qualquer matéria prima adequada, passa pelas mãos do escultor que será responsável por lhe atribuir determinada forma, usando da força, de técnicas e instrumentos para favorecer o trabalho de esculpir, que se destina a um fim objetivo, seja ornar uma praça, um espaço, um lugar público ou privado, ou ainda, um fim último, a que todas as coisas são destinadas, que seria a ideia de causa final ou teleológica: “[...] constitui o fim ou o escopo das coisas e das ações; ela constitui aquilo em vista de que ou em função de que cada coisa é ou advém; e isso, diz Aristóteles, é o bem de cada coisa” (REALE, 1994, p. 341). Em última instância, todas as coisas tendem para um bem maior, ou um sumo bem, seria esse o fim das coisas e dos seres, dentro da lógica metafísica aristotélica.

Portanto, é notório que “[...] o ser e o devir das coisas exigem em geral essas quatro causas. Estas são as causas próximas; mas, além delas, são necessárias as ulteriores causas fornecidas pelo movimento dos céus e a causa suprema do primeiro Motor Imóvel” (REALE, 1994, p. 341), pois é atribuído a essas causas o “movimento dos céus” que Aristóteles irá deduzir este princípio do motor imóvel.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se aproximar da pesquisa metafísica em Aristóteles, se deve levar em consideração que a proposta dele não era falar sobre uma realidade que está além do natural, sendo *sobrenatural*, mas é, justamente, ter a capacidade de perceber e destacar a relevância do pensamento que busca compreender a realidade, num processo quase indutivo, onde as transformações, na sua *gênese*, acontecem. Sobre isso Otfried Höffe¹², afirma que dá metafísica se espera sentenças sobre a deidade, sentido da vida e outros temas que são definidos como assuntos imprescindíveis para encontrar o sentido de uma existência; No entanto, Aristóteles propõe algo diferente com sua teologia; e continua Höffe, “[...] não reflete sobre um além, ao qual a nossa existência de alguém deve o seu sentido, mas sobre a

¹² Professor de filosofia na Universidade Eberhard-Karl, em Tübingem na Alemanha.

explicabilidade deste mundo” (HÖFFE, 2008, p.129). Esta afirmação, caracteriza este estudo como uma tentativa de apresentar a teologia aristotélica desvinculada desta noção reducionista e simplória acerca do pensamento clássico da filosofia do qual faz parte Aristóteles.

A atualidade do pensamento aristotélico é evidente nas mais diversas áreas do saber, pois ele pensou na maioria dos aspectos do pensamento humano: sobre natureza, filosofia política, *cosmologia*, e por fim, mas não menos importante, a metafísica. Toda a obra de Aristóteles é permeada por sua teoria metafísica, os pressupostos do seu pensamento se evidenciam em frases e passagens das célebres obras como Política, Ética à Nicômaco e Física.

Dessa forma, levando em consideração a observação de como se manifestam as condições físicas de Aristóteles - substância, ato/potencia, as quatro causas – é que é possível desenvolver uma argumentação que constate a justificativa pela qual se assegura a origem do movimento fundamentado em Deus; e perceber nesse Ser – Imóvel, a capacidade de originar as transformações e constituir o real – a causa e o princípio da realidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Vol. II e Vol. III: texto grego com tradução ao lado. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola. 2002.

ABBAGNANO, Nicola, **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BITTAR, Eduardo C. B., **Curso De Filosofia Aristotélica**: leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri, SP: Manole, 2003.

BORNHEIM. Gerd A., **Os filósofos pré-socráticos**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: pagã antiga**. Vol. I. São Paulo. Paulus. 2003.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. Vol. II. Platão e Aristóteles. Tradução de Henrique Cláudio de Lima e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles**; tradução de Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.